

SANTA GEMMA GALGANI

*Entre Deus e o diabo*

#### Coleção **BIOGRAFIAS**

---

- *Oscar Romero e a comunhão dos santos*, Scott Wright
- *Padre Ibiapina*, José Comblin
- *Padre Cícero de Juazeiro*, José Comblin
- *João Paulo II: a biografia*, Andréa Riccardi
- *Padre Pio: os milagres desconhecidos do santo dos estigmas*, José Maria Zavala
- *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*, Pedro Lima Vasconcellos;  
Pedro Paulo Abreu Funari
- *Papa João XXIII*, Domenico Agasso Sr.; Domenico Agasso Jr.
- *João Paulo II: santo já*, Andrea Riccardi
- *Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito – Diário de uma escrava que se tornou santa*, Roberto Italo Zanini (org.)
- *Santo Antônio de Pádua: por onde passa, entusiasmo*, Domenico Agasso Jr.
- *Padre Pio: o mistério do Deus próximo*, Saverio Gaeta
- *Madre Teresa: tudo começou na minha terra*, Cristina Siccardi
- *Paulo VI: o santo da modernidade*, Domenico Agasso Jr.; Andrea Torielli
- *Santa Gemma Galgani: entre Deus e o diabo*, Pe. José Carlos Pereira

Pe. José Carlos Pereira, CP

# SANTA GEMMA GALGANI

*Entre Deus e o diabo*



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Preparação do original: *Tatianne Aparecida Francisquetti*  
Imagem da capa: *Enrico Giannini, 1901 - Domínio Público*  
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Pereira, José Carlos  
Santa Gemma Galgani: entre Deus e o Diabo / José Carlos Pereira. — São Paulo: Paulus, 2020.  
Coleção Biografias.

ISBN 978-65-5562-040-5

1. Galgani, Gemma, Santa, 1878-1903 - Biografia 2. Santas cristãs - História I. Título

20-1026

CDD 922.22  
CDU 929:235.3

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Santas cristãs - Biografia



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.  
Cadastre-se e receba informações sobre  
nossos lançamentos e nossas promoções:  
**paulus.com.br/cadastro**  
Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2020

© PAULUS - 2020

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 - São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-040-5

## PREÂMBULO

“NÃO PROCURO NADA, NÃO QUERO NADA,  
SENÃO AQUILO QUE DEUS QUER.”  
SANTA GEMMA GALGANI

No dia 14 de setembro de 2019, juntamente com um grupo de peregrinos, parti de São Paulo rumo à Itália para uma peregrinação por alguns santuários daquele país, entre eles o santuário de Santa Gemma Galgani, na cidade de Lucca, região da Toscana. A maioria do grupo não conhecia Santa Gemma, mas, ao fazer o roteiro, fiz questão de colocar a visita a Lucca com um objetivo primordial: coletar material e informações para escrever uma biografia atualizada da primeira santa do século XX, que vem há décadas fascinando tantas pessoas e convertendo-as pela sua estreita conexão com Deus. Quem conhece Santa Gemma se apaixona de imediato pela sua vida e pela mística espiritual que ela lhe imprime. Este livro que você agora tem em suas mãos é fruto de uma vasta pesquisa bibliográfica e de campo, e nele busquei registrar com o máximo de fidelidade a vida dessa santa. Nessa viagem, tivemos provas de que Santa Gemma é uma santa milagrosa, pois recebemos algumas graças, as quais relato ainda neste preâmbulo. Vamos, então, conhecer um pouco Santa Gemma Galgani, por meio de uma viagem geográfica, espiritual e etnográfica à cidade de Lucca.

Chegamos a Lucca no dia 17 de setembro, um dia esplêndido, de céu azul, sem nenhuma nuvem, e um clima agradável de vésperas de outono, com as árvores já começando a pintar suas folhas de amarelo, prenúncio da nova estação que começaria em apenas cinco dias. Tivemos um primeiro impacto ao entrar na cidade: ela surpreendeu-nos não somente pela beleza da sua arquitetura em estilo medieval, mas também pela limpeza das ruas e, sobretudo, pelas gigantescas muralhas que cercam a cidade antiga, que não demorou a aparecer tão logo o nosso ônibus entrou em Lucca. Essa primeira boa impressão se confirmou, e nos surpreendeu ainda mais, quando adentramos os meandros da cidade antiga, intramuros, e percorremos as ruas que Santa Gemma Galgani percorreu.

O ônibus em que nosso grupo estava deu uma volta, circundou o majestoso santuário de Santa Gemma, anexo ao convento das monjas passionistas, e parou numa das entradas da cidade antiga para aguardar a guia, Simona, que nos acompanharia pelas ruas estreitas da cidade velha. As ruas pareciam labirintos, de tão estreitas que eram. Ela não demorou a nos contatar por telefone, dizendo que estava numa das entradas principais, a porta São Pedro. Nós nos dirigimos até lá e fomos recebidos por uma pessoa simpática que nos conduziu para dentro dos muros da cidade antiga, relatando a história do local e falando sobre seus pontos turísticos, bem como os lugares sagrados que descreverei mais adiante.

Assim que atravessamos a porta São Pedro, de estilo medieval, com paredes gigantescas, dantes inimagináveis, ficamos ainda mais surpresos ao avistar a cidade antiga. Tudo se mostrava impressionante! Era beleza que não cabia nos olhos; além do encanto arquitetônico, havia um quê espiritual que emanava dos ares da cidade. Até os mais céticos

sentiriam que aquela não era uma cidade qualquer, e não poderia ser mesmo, pois nela nasceram e viveram importantes santos, como Santa Zita, São Giovanni Leonardi e as beatas Elena Guerra e Maria Domingas Brun Barbantini, além de Santa Gemma Galgani, uma de suas filhas mais ilustres. Isso sem contar outras pessoas importantes, como o compositor Giacomo Puccini, autor de famosas árias – por exemplo, *La Bohème* (1896) e *Madama Butterfly* (1904), entre tantas outras –, cuja estátua hoje se encontra na piazza Cittadella, via de Poggio, 34, em Lucca. Contudo, não foi ele que nos levou a Lucca, e sim Santa Gemma Galgani, a mística da paixão e primeira santa do século XX.

À medida que adentrávamos a cidade antiga, tudo nos surpreendia. A beleza era de tirar o fôlego. A vontade era ficar por ali, por muito tempo, pois tudo era tão agradável, havia um sentimento de paz. Era um pouco do “paraíso” de Gemma Galgani que começávamos a descobrir. Visitamos algumas praças e uma feira, onde compramos guloseimas típicas de Lucca, de sabor de anis, que se pareciam com batatas fritas. Talvez Gemma tenha apreciado muitas vezes aquele tipo de biscoito, já que a guia que nos acompanhava disse ser aquela uma guloseima tradicional da cidade.

Como não podia deixar de ser, visitamos algumas igrejas e passamos em frente à igreja da Irmandade da Rosa, a última que Gemma frequentou antes de morrer, na qual o lugar onde ela se sentava está demarcado com uma corda e uma foto da santa. Não tivemos tempo de entrar para ver esse lugar, mas a guia nos informou disso depois. Porém, a igreja que eu mais esperava visitar era o santuário dedicado a Santa Gemma Galgani, pois lá eu iria encontrar a maior parte das informações sobre ela, sobretudo no museu, que guarda muitas de suas relíquias.

Após o passeio pela cidade velha, nos dirigimos ao santuário, mas combinei com algumas pessoas do grupo que voltaríamos à noite para rever a cidade com mais calma, pois naquela tarde tudo fora muito rápido. Não seria difícil retornar, pois fomos informados de que o hotel em que estávamos hospedados não ficava muito longe.

Deixamos o centro antigo e seguimos rumo ao santuário de Santa Gemma, fora dos muros da cidade. Assim que cruzamos de volta a muralha, o santuário se apresentou logo ao lado, imponente, mas, como não tínhamos agendado a visita, não havia ninguém para nos receber naquela hora. Enquanto a guia do grupo foi procurar alguém que pudesse nos dar mais informações sobre o local e a santa, aguardamos no interior do santuário e aproveitamos para rezar em silêncio. Tudo estava calmo por ali, pois não havia naquele momento grande fluxo de turistas. O local estava praticamente vazio, exceto por umas poucas pessoas que rezavam em silêncio. Do interior do claustro, vinha o som do canto gregoriano das monjas passionistas que rezavam as vésperas da liturgia das horas.

Assim que entramos, sentimos um cheiro agradável de perfume, mas ninguém comentou nada sobre isso. Depois, contudo, alguém mencionou o odor, e outros confirmaram que também tinham sentido um cheiro agradável de flores enquanto rezavam, embora não houvesse flores no local naquele momento. Dizem que os santos exalam perfume desde o momento de sua morte, e aquele odor era, sem dúvida, Santa Gemma Galgani nos dando as boas-vindas, afinal, havíamos vindo de muito longe para vê-la em seu esquife. Esse foi um dos primeiros sinais que Santa Gemma nos deu nessa visita, e outros viriam depois.

Não demorou muito e a guia do grupo voltou com um padre passionista que atendia aquela igreja e se dispôs a nos

acompanhar e explicar tudo sobre o santuário, o mosteiro e o museu que guardam as relíquias de Santa Gemma. Com o celular nas mãos, para gravar imagens e falas, eu não perdia uma palavra do que ele dizia, buscando registrar tudo para depois colocar neste livro, cujo propósito é descrever com o máximo de fidelidade a vida de Santa Gemma e seus sofrimentos para adentrar nos céus.

O padre nos falou primeiro sobre a construção do mosteiro e, posteriormente, do santuário, confiado ao arquiteto Ítalo Baccelli, e sobre a influência espiritual que Gemma Galgani teve nesse processo, algo que eu descreverei mais adiante, com riqueza de detalhes e depoimentos da própria santa. Ele prosseguiu dizendo que a cúpula e a torre do sino daquela igreja são uma réplica da catedral de Berlim, e que essa parte coube ao arquiteto Adriano Marabini, que só a concluiu em 1965. Depois, nos levou até onde está o corpo da santa, que se encontra embaixo do altar principal do santuário, em uma urna esculpida por Francesco Nagni. Nesse local, encontra-se um retábulo com um afresco que mostra Cristo colocando os estigmas em Gemma Galgani, enquanto ela é amparada pelo anjo da paixão, o seu anjo da guarda. Esse afresco é obra de Primo Conti, um artista futurista italiano.

À esquerda do altar onde se encontra o esquife com o corpo de Santa Gemma, estão algumas esculturas em mármore, representando a paixão de Cristo. As obras são de Tommaso Gismondi, outro artista italiano, conhecido como o escultor do papa pelas obras criadas por encomenda dos papas Paulo VI e João Paulo II. O padre que nos guiava mostrou-nos também onde estava o corpo do diretor espiritual de Santa Gemma, Pe. Germano de Santo Estanislau, e de seu confessor, monsenhor Giovanni Volpi.

Sáímos do santuário e nos dirigimos ao museu, que fica em um anexo do templo. Lá havia muitos dos objetos que Santa Gemma usou: suas vestes manchadas de sangue, que saía dos seus estigmas; a luva que ela usava para ocultar os estigmas; várias peças de suas vestes e outros objetos pessoais, como pente e calçados; mechas de cabelo; alguns móveis usados por ela, como uma pequena cama, uma escrivaninha com cadeira, entre outros; livros que ela usava para rezar; o cilício que ela usava para se autoflagelar etc. Ali eu pude recolher muitas imagens e informações, boa parte fornecida pelo padre que nos acompanhava no santuário e no museu, e as coloco neste escrito, por meio do qual os leitores poderão conhecer melhor Santa Gemma e saber mais sobre o que ela viveu num latente processo de santidade.

Já no final daquele dia, 17 de setembro, uma terça-feira, fomos para o hotel com a certeza de que voltaríamos à noite para a cidade, porém num grupo menor e sem nenhum guia. Iríamos descobrir a cidade de Santa Gemma por conta própria, guiados espiritualmente por ela. O hotel ficava, aproximadamente, a dois quilômetros do centro histórico de Lucca, aonde pretendíamos retornar à noite. Durante o jantar, definimos como faríamos para voltar ao centro histórico e quem gostaria de ir. Apenas cinco pessoas manifestaram o desejo de retornar, as demais estavam cansadas da viagem e queriam repousar mais cedo. Chamamos um táxi na portaria do hotel, adequado para cinco pessoas, e seguimos rumo ao centro. Pedimos que o taxista nos deixasse na porta São Pedro, no mesmo lugar em que havíamos estado pela tarde, mas, contrariando o nosso pedido, ele nos deixou em outra entrada, dizendo que estávamos perto de onde queríamos ficar. Como estávamos mesmo sem destino, desembarcamos ali e pedimos seu número de telefone para,

quando decidíssemos retornar ao hotel, ele nos levasse de volta, já que táxis para cinco pessoas não eram muito comuns. Não sei por qual razão, ele cobriu a placa do carro e pediu que fotografássemos o número que estava logo acima. Além disso, ele cobrou um preço maior do que havíamos combinado ao sair do hotel.

De posse do número do táxi, saímos pelas ruas de Lucca naquela noite agradável. A cidade parecia ainda mais bela à noite, iluminada por lâmpadas amarelas, tipo candeeiros, o que conferia um charme todo especial às ruas e valorizava ainda mais sua arquitetura histórica. Tínhamos a pretensão de passear e tomar um café, ou um sorvete, em um dos inúmeros estabelecimentos da cidade, mas, para a nossa surpresa, todos aqueles lugares que vimos abertos durante a tarde estavam agora fechados. A cidade parecia não ter muita vida noturna, pelo menos naquele ponto onde ficamos.

Caminhamos por um tempo sem rumo por aquelas ruas de calçamento de pedras, que brilhavam como se alguém tivesse passado cera, refletindo as luzes da cidade. Não estávamos com muita pressa, apesar de já ter passado das 22h. Além de estarmos relativamente perto do hotel – pelo menos era o que imaginávamos –, bastava tomar um táxi e em poucos minutos estaríamos de volta.

O mais inusitado desse passeio noturno foi que, caminhando sem rumo, nós fomos parar em frente à casa em que Santa Gemma Galgani viveu os seus últimos dias. Sem perceber, paramos diante de uma residência que trazia sobre sua porta uma foto de Santa Gemma numa moldura e, abaixo, uma placa com alguns dizeres. Na placa estava escrito que no segundo andar daquela casa estava o pequeno quarto no qual Gemma Galgani, depois de ter agonizado como Jesus, partiu para o abraço divino, em 11 de abril de 1903, e que os

passionistas haviam transformado em um oratório. Ficamos sem palavras com a grata surpresa. Só podia ter sido obra de Santa Gemma ter nos conduzido até aquele lugar. Não pudemos entrar, porque já era tarde e tudo estava fechado, mas valeu a experiência do encontro desse lugar sagrado. Era um sinal de que Santa Gemma estava conosco e nos guiava por aquelas ruas que ela conhecia tão bem.

Fiz questão de fotografar, para mostrar para os demais do grupo que não estavam conosco que tínhamos encontrado um lugar especial. Registrei também o nome da rua, para ter certeza de que se tratava mesmo da casa onde ela viveu seus últimos dias, e não a casa de um devoto qualquer.

Saímos da frente da casa tão alegres que nem percebemos que já faltava pouco para a meia-noite. A cidade já estava completamente silenciosa, um deserto. Foi então que nos demos conta de que precisávamos retornar para o hotel, mas não havia ninguém nas ruas, muito menos táxis. O que nos levara não iria nos encontrar ali, pois já tínhamos andado muito desde o lugar onde ele havia nos deixado e não tínhamos nenhuma referência para dizer a ele, caso nos atendesse, onde estávamos.

Andamos mais duas ou três quadras e avistamos uma praça, com algumas pessoas. Pedimos informação sobre a direção da porta São Pedro, uma das saídas principais dos muros da cidade, e nos informaram de que estava, aproximadamente, a um quilômetro dali. Tentamos ligar para o número que o taxista nos dera, mas informavam que aquele número não existia. Tentamos várias vezes, e nada. Nesse instante, avistamos um táxi de cinco assentos que acabava de deixar um passageiro. Aproximamo-nos e perguntamos se ele poderia nos levar até o hotel. Quando o taxista viu o endereço, nos informou de que não poderia, pois seu táxi

era de outro município, Pisa, e, de acordo com a lei do país, ele não podia transportar passageiros de um município diferente, no caso Lucca, onde estávamos. Ele só poderia nos levar se estivéssemos indo a Pisa, o município onde seu táxi estava registrado.

Havia ainda um único estabelecimento aberto naquela praça, uma pizzaria, que aguardava a saída dos últimos clientes para fechar. Com muito custo, conseguimos nos comunicar com os atendentes e explicar que queríamos um táxi, ou encontrar a porta São Pedro, onde possivelmente haveria mais táxis. Eles tentaram nos ajudar de todas as formas, mas não conseguiram. Nenhum táxi que eles contactaram transportava cinco pessoas. Por fim, nos deram um mapa de como sair do centro e chegar à porta São Pedro.

Fomos caminhando àquela hora da noite, e a porta São Pedro parecia cada vez mais distante. Para piorar, algumas pessoas do grupo não estavam com calçados adequados para caminhar em ruas de pedras, pois não havíamos saído com a pretensão de andar tanto. Além disso, não sabíamos se era perigoso ou não caminhar àquela hora pelas ruas desertas. Vez por outra, cruzávamos com uma pessoa. Para uma delas perguntamos se estávamos muito longe da saída, e ela nos indicou a direção. Nós estávamos perto, graças a Deus e a Santa Gemma, que nos guiava. Porém, ainda não era o fim do nosso desconforto. Quando atravessamos a tão procurada porta São Pedro e passamos para o outro lado da cidade, ela nos pareceu mais deserta ainda. Havia apenas alguns jovens que saíam de alguma festa. Tentamos procurar na internet empresas de táxis para ligar, mas poucas atendiam, e as que atendiam não disponibilizavam táxis para cinco pessoas.

Para agravar a situação, nem sabíamos o rumo do hotel, pois, em último caso, poderíamos retornar a pé. Tentamos

todas as possibilidades, e nada. Para complicar a situação ainda mais, a carga dos nossos celulares estava chegando ao fim. Em pouco tempo, estaríamos também sem telefone. Tentamos ligar para o hotel e explicar o ocorrido e onde estávamos, para que eles chamassem um táxi, mas foi em vão. Depois de várias tentativas, a portaria do hotel atendeu nossa ligação, mas disse que não poderia enviar um táxi.

Esgotadas todas as possibilidades, saímos caminhando mais uma vez sem rumo e avistamos outra pizzaria que ainda estava aberta, mas também já encerrando suas atividades, pois não havia mais nenhum cliente no local, somente os entregadores, que conversavam na esquina aguardando o estabelecimento fechar. Fomos até lá, mostramos o endereço do hotel onde estávamos e pedimos encarecidamente que chamassem um táxi para cinco pessoas. O proprietário, um árabe, entendeu nosso desespero, sentiu compaixão e tentou várias vezes chamar um táxi, mas, àquela hora da madrugada, estava difícil. Por fim, ele decidiu que nos levaria até o hotel no seu carro.

Que alívio! Alívio por supostamente termos encontrado uma boa alma que nos socorresse, mas, ao mesmo tempo, um pouco de preocupação, pois era um estranho, e ainda por cima alguém que não era nativo do local. Enquanto íamos até o carro com ele, alguém do grupo manifestou baixinho sua preocupação, mas não tínhamos alternativa senão essa, ou então voltar a pé para o hotel, que nem sabíamos a que distância ficava ou em qual direção.

O carro do “bom samaritano” estava repleto de papéis, caixas e notas de dinheiro espalhados por toda parte. Assim que ele abriu a porta traseira, os papéis e várias notas de dinheiro caíram e se espalharam pela calçada. Ele chamou dois de seus funcionários, também com traços árabes, que ajudaram a recolher o que havia caído, colocando tudo

no porta-malas, e nós fomos acomodados, os cinco, no seu carro. No trajeto até o hotel, o silêncio era total, num misto de insegurança, medo e dificuldade de comunicação. Quebramos o silêncio perguntando o nome dele, que se identificou como Kaiser. Tínhamos a impressão de que ele estava nos levando para outro lugar, e não para o hotel, pois já tínhamos rodado um bom tempo e nada de ele aparecer. Pelo mapa que havíamos consultado antes de sair, o hotel estava a menos de dois quilômetros, e aquele carro já havia rodado mais de dez minutos.

Entreolhávamo-nos preocupados e receosos, e não ficamos confortáveis, nem física nem psicologicamente, principalmente quando ele atendeu o celular e começou a falar, em árabe, com outra pessoa. Pensei: “Ele deve estar arquitetando algo com alguém a nosso respeito, acho que estamos numa fria!”. Os piores pensamentos passavam pela nossa cabeça, mas tínhamos que confiar. Por fim, para o nosso alívio, avistamos as bandeiras da entrada do hotel onde estávamos hospedados. Estávamos, enfim, chegando, graças à proteção de Santa Gemma Galgani, que operou mais esse milagre, colocando um anjo no nosso caminho.

Ao desembarcarmos em frente ao hotel, agradecemos e quisemos deixar uma contribuição em dinheiro por tamanha generosidade, mas o homem não quis aceitar. Na verdade, o que ele fez por nós não tinha preço, foi por pura bondade, pela graça de Deus. Mesmo assim, deixamos sobre o banco do carro uma pequena quantia. Respiramos aliviados e arrependidos por ter desconfiado daquele homem que Deus colocou no nosso caminho. Naquele instante, tivemos a certeza de que em todos esses acontecimentos estava a intervenção de Santa Gemma, nos protegendo e nos acompanhando. E é essa santa tão especial que eu convido você, a partir de agora, a conhecer.